

O cinegrafista Bicaia acelera o carro, colocando-o em movimento e sai em baixa velocidade. Parece conduzir um grupo de pacatas anciãs a visitar Pilares, quando Chumbinho gruda o cano do revólver na nuca do motorista e grita em seus ouvidos.

- Toca essa merda rápido ou tu fica aqui mesmo.

O motorista, premido pelo medo, aperta o pé e o carro levanta a frente, provocando cheiro de borracha queimada nos pneus.

- É isso mesmo companheiro. Baixa o chulé – disse Chumbinho às gargalhadas, saboreando a fuga que o distanciava do delegado e da prisão.

Bicaia é ótimo com câmeras de vídeo, mas não é habilidoso com pedais e volantes. Nas condições em que se encontra, ameaçado de morte e temendo que outros morram com ele, sua destreza é nula.

- Toca para a estrada e vamos cair fora desta cidade nojenta – continuou gritando Chumbinho. – Vamos nessa que estou livre! Livre!

O carro segue pela Monteiro de Barros, passa pela Praça Marquesa de Castro e alcança a Avenida em alta velocidade. Um velho ônibus que transporta operários da cana se atravessa e bloqueia a passagem.

- Dobra aqui – ordenou o bandido. - Segue pela 13 de Maio e toca firme.

Bicaia obedece, manobra à direita, roda alguns metros e diminui a velocidade.

- A polícia está lá na frente – alerta, temendo um tiroteio.

- Que merda! Eu vou te matar dona. Tu vai mostrar para eles que não estou brincando. Tu vai virar presunto! – gritou Chumbinho.

- Calma, eles vão deixar a gente passar – argumentou Anail sem convicção, com voz débil e trêmula.

- Vão deixar porra nenhuma. Vai rolar sangue!

O carro pára na Rua 13 de Maio. Dona Rita, 73 anos, abre a porta e observa o que acontece em frente a sua casa. Acha estranho um carro tão novo e cheio de gente, parado ali no meio da rua. Olha firme e reconhece os moços da frente. Vê no banco de trás uma mulher e um homem nervoso que grita palavrões e faz gestos. Não consegue ver quem é. Permanece olhando, imóvel. A porta traseira do carro é aberta e o rapaz nervoso desce

puxando a moça, quase arrastando-a pela calçada.

Dona Rita quis ser gentil e esboçou uma pergunta, mas o marginal a interrompeu. Tomou a velha pelo braço, jogou-a na calçada e entrou trancando a porta.

- Tem alguém em casa?

Agarrado à mão de Anail, com o revólver mirando à frente em posição de ataque, arrastou a jovem pelos dormitórios, a sala, todas as dependências, em cada uma delas gritando.

- Tem alguém aí?

- Não tem ninguém. Fica frio – respondeu a moça que bateu com o ombro numa das portas e gemeu, irritando Chumbinho.

- Cala a boca, senão te furo! – esbravejou o marginal.

- Eu só bati o ombro, não precisa ficar tão nervoso. Não vou fugir. Fica tranqüilo.

- Se tentar, não anda dois metros. Vai ficar mais pesada porque te encho de chumbo.

Anail aparenta estar calma. O seqüestrador mostra seu estado de espírito e o pavor estampado no rosto. Não quer morrer, quer fugir. Se precisar, mata e arrasa tudo que estiver a sua frente. Está decidido. Fica livre desta vez ou nunca mais. Mas, neste caso, não vai sozinho. A madame vai junto... Ah! Se vai!

Foi para os fundos, examinou o pátio, o muro e a casa ao lado. Tudo estava calmo, mesmo assim ficar ali não era seguro. Certamente a polícia vai invadir. A mão esquerda segura a moça e a outra empunha o revólver.

- Vamos pular o muro e entrar na outra casa. Não tenta fugir, certo dona?

- Não, eu não vou fugir. Eu vou junto até você ficar livre, mas não me machuque, por favor. Eu tenho um filhinho que precisa de mim – choramingou Anail.

- Vamos logo e chega de choro. Pula! E não foge, não corre, senão eu te apago.

Chumbinho encaixou o revólver na cintura, juntou as mãos em forma de concha e mandou Anail se apoiar nele e pular o muro. Ela saltou mostrando as pernas e cochas torneadas que nem foram notadas pelo seqüestrador. Depois ele, ágil, pulou ao lado dela. Correram para junto da casa, mãos dadas e revólver apontando para tudo que sugerisse uma sombra humana. Janelas fechadas, portas trancadas, não puderam entrar. A casa estava vazia. Encostaram-se na parede junto à varanda e ali ficaram por minutos.

- Olha dona, nós vamos até a frente da casa dar uma olhada – falou

Chumbinho em tom mais brando, pouco ameaçador, mas ainda nervoso. – Vamos de mãos dadas como se a gente fosse namorado e ...

- Calma! Calma! Eu não vou fugir. Vou com você até você ficar livre, já disse. Mas, por favor, não me machuque, eu tenho um filho, eu não quero morrer – repetiu Anail.

- Se você for legal mesmo não vai morrer, prometo. Quando ficar livre eu te largo.

Sem entender por quê, Anail acreditou e confiou no seqüestrador. Seguiram pelo lado da residência de mãos entrelaçadas, o revólver escondido dentro da camisa, passos calmos como se fossem namorados. Anail sentiu-se firme na mão que a conduzia e não esboçou resistência. Chumbinho percebeu a docilidade da moça e caminhou com aparente tranqüilidade.

A casa invadida por Chumbinho na 13 de Maio faz fundos com a residência vazia em cujo pátio agora se encontram. Se saírem pela frente, estarão na Avenida por onde passaram minutos antes. Estavam andando em círculo.

Passam semi-encobertos por arbustos que formam um corredor no pátio da casa. Chumbinho observa que há carros estacionados na Avenida. Avançam até o canteiro central onde está um automóvel de porte médio. O motorista ao volante, com o motor desligado, não percebe a aproximação do casal.

- Oh! Cara, cai fora – ordenou Chumbinho. - Tenho um revolver aqui na camisa, vai logo!

O motorista sai atordoado, enquanto o seqüestrador empurra Anail para o banco do lado, senta-se ao volante e segue em direção à estrada.